

FREQUÊNCIA, CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS E GRAVIDADE DOS SUBTIPOS DE A E B DO VÍRUS SINCICIAL RESPIRATÓRIO ENTRE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS EM BOTUCATU

Tatiana de Campos Melo*, Karen Ingrid Tasca, Ana Júlia Tavares, Luiz Guilherme Alonso Costa, Micheli Pronunciate, Joelma Gonçalves Martin, Carlos Magno Castelo Branco Fortaleza, Guilherme Targino Valente, Rejane Maria Tommasini Grotto

Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil

Introdução/objetivo: O vírus sincicial respiratório humano (VSR) é a causa mais comum de doenças respiratórias graves em crianças, principalmente nos cinco primeiros anos de vida, sendo um problema de saúde pública recorrente ano a ano. Este estudo propõe avaliar as diferenças na evolução clínica da população pediátrica hospitalizada, de acordo com a infecção pelo genótipo A ou B do VSR.

Métodos: Amostras de swab naso/orofaríngeo coletadas de crianças de 0 a 6 anos hospitalizadas no Hospital das Clínicas de Botucatu, de janeiro a abril de 2023 foram processadas por RT-PCR seguida de hibridização capaz de detectar 24 patógenos respiratórios. Das amostras avaliadas, foram identificados 35 casos de VSR. Para análise dos dados clínicos obtidos do prontuário médico dos pacientes, foram realizadas associações pelo Teste Qui-Quadrado, comparação de médias por Teste Gamma, Teste T e Poisson, além de correlação de Pearson e análise fatorial múltipla (MFA).

Resultados: Foram avaliadas 24 (68,6%) crianças infectadas pelo VSR-A e 11 (31,4%) pelo VSR-B. Os sintomas mais frequentes foram tosse (88,6%) e dispneia (68,6%). Apesar da maioria das crianças (64,5%) apresentar saturação de O₂ normal, 13 (37,1%) necessitaram de unidade de terapia intensiva, sendo que para apenas 1 (2,9%) houve intubação orotraqueal e nenhuma veio a óbito. Em raio-X, verificou-se uma hiperinflação pulmonar na maioria dos casos (74%). Não houve associação entre estas variáveis com os subgrupos virais. Analisando os 35 pacientes conjuntamente via MFA em função da idade, observou-se uma relação entre temperatura, plaquetas, leucócitos, bastões e proteína C reativa (PCR). Na comparação das médias, as crianças com o VSR-B eram mais velhas ($8,0 \pm 6,3$ vs $20,1 \pm 22,7$ meses, $p=0,004$), tiveram maior tempo de hospitalização ($7,4 \pm 3,3$ vs $10,1 \pm 6,7$ dias, $p=0,015$), menor número de plaquetas, linfócitos e monócitos, além de médias mais elevadas de PCR ($1,6 \pm 1,5$ vs $4,4 \pm 4,0$, $p=0,001$). Ademais, a PCR mostrou correlação positiva com a porcentagem de eosinófilos ($p=0,008$) neste mesmo grupo.

Conclusão: Apesar de crianças com o VSR-A serem mais novas e, em teoria, as mais susceptíveis a um pior prognóstico, e do subtipo A parecer ser mais patogênico segundo a literatura, foi observado, na prática, que aquelas infectadas pelo VSR-B foram mais acometidas na hospitalização, pois apresentaram maiores indicadores de inflamação e permaneceram internadas por um período maior.

Palavras-chave: Vírus sincicial respiratório crianças srag hospitalização

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103457>

HOMEM TAMBÉM SENTE DOR: A PREVALÊNCIA DO SINTOMA NA POPULAÇÃO MASCULINA COM HTLV NO SETOR HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ (HUOC)-UPE

Kameelah Gomes de Miranda*, Gabriel Freitas Araujo, Laryssa Bandeira de Melo Silva, Marília Gabriela Barbosa da Silva, Matheus Azevedo Bonfim, José Anchieta de Brito, Patrícia Muniz Mendes Freire de Moura, Paula Machado Ribeiro Magalhães, Vinicius Vianney Feitosa Pereira

Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil

Introdução/objetivo: O vírus linfotrópico de células humanas (HTLV) é um retrovírus associado ao desenvolvimento de quadros de fraqueza, perda do movimento dos membros, dormência e dores no corpo. Sendo assim, o presente estudo estabeleceu o levantamento das manifestações clínicas de pacientes vivendo com HTLV (PVHTLV), visando compreender o impacto da infecção na vida do indivíduo, contribuindo para a elaboração de estratégias de cuidado.

Metodologia: Foram incluídos 67 PVHTLV atendidos no HUOC-UPE, sendo 42 mulheres e 25 homens. Foram analisados dados demográficos, sinais e sintomas dermatológicos, urinários, psicológicos, motores, regiões de algia, disfunções sexuais e doenças associadas a partir de prontuários, usando a plataforma Google Sheets com análise estatística descritiva. Plataforma Brasil CAAE: 57785822.3.0000.5192.

Resultados: Os resultados demonstraram variedade de manifestações clínicas nos PVHTLV, com predomínio de sintomas urológicos, incluindo a incontinência urinária (29,85%), bexiga neurogênica (17,91%), disúria (10,45%). Foi relatado dores em diferentes regiões, como lombalgia (22,39%), dor em MMII (14,93%), dificuldade para deambular (11,94%) e espasticidade (11,94%). Pacientes do sexo feminino apresentaram maior frequência de incontinência urinária (32,56%) e bexiga neurogênica (18,56%). Enquanto na população masculina foi identificada níveis aumentados de dor em MMII (20%) e bexiga neurogênica (12%). A ansiedade foi a manifestação psicológica mais vista aparecendo em 8% nos homens e 2,38% nas mulheres.

Conclusão: A partir do estudo foi possível visualizar os problemas urológicos com maior prevalência em ambos os sexos. Contudo, o que chama atenção é uma nova visão relacionada ao sintoma de dor, já que ao seguir as literaturas as manifestações de dores estão mais associadas a mulheres, mas no estudo a dor em membros inferiores foi o sintoma mais associado em pacientes do sexo masculino, enquanto no sexo feminino sintomas urológicos e problemas da marcha se mostraram mais recorrentes. Essas informações são de alta relevância, servindo como base para pesquisas posteriores, visando melhorar a qualidade de vida e o bem-estar de PVHTLV.

Palavras-chave: Vírus Manifestação Clínica Dor

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103458>

INCIDÊNCIA DE MENINGITE VIRAL NO ESTADO DA BAHIA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA E TENDÊNCIAS TEMPORAIS

Rodolfo Baptista Giffoni*, Ricardo Santos Aguiar, Matheus Gomes Reis Costa, Cristóvão Alves Pedreira Filho, Michelle Evans Lima Ramos, Fernando Mendes Nogueira Souza, Larissa de Oliveira Silva, Dênio Santos Barros

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

A meningite viral (MV) é uma doença infecciosa que afeta as membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal¹. No Brasil, a incidência desse tipo de meningite é significativa, incluindo o estado da Bahia². Diversos vírus, como Herpes simplex e Varicela-zóster podem causar MV³. Um diagnóstico preciso é essencial para orientar o tratamento adequado e evitar o uso desnecessário de antibióticos sendo o conhecimento das tendências epidemiológicas fundamental para tal⁴. Realizamos uma análise retrospectiva dos casos de MV notificados no estado da Bahia entre os anos de 2013 e 2022. Os dados foram obtidos a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e incluíram informações demográficas, faixa etária, sexo e número de casos por ano. Por fim, levando em consideração o número de casos registrados e a população do Estado da Bahia em cada ano, foi calculada a incidência acumulativa e uma curva de tendência por ano avaliado por meio do programa Excel. Foram avaliados dados epidemiológicos de um total de 1.361 casos de MV. A principal faixa etária afetada foi de 10 a 14 anos, com um total de 198 internamentos. A análise por sexo mostrou uma incidência de 743 casos no sexo masculino e 618 casos no sexo feminino. Ao analisar as tendências temporais, entre os anos de 2013 e 2022 uma redução de -69,58% na incidência cumulativa. No ano de 2021, houve um desvio considerável em relação aos valores preditos pela curva de tendência, registrando-se apenas 23 casos, enquanto a previsão apontava aproximadamente 80 casos. Em 2022 houve um aumento de 380% em relação ao número de casos registrados no ano anterior. Redução significativa da incidência cumulativa de meningite viral (MV) na Bahia (-69,58%) durante o período analisado. Queda considerável em 2021, com redução de 71% em relação à taxa esperada. Medidas de prevenção da Covid-19 podem ter contribuído para o controle da MV, reduzindo novos casos devido à transmissão favorecida pelo contato social. Aumento da incidência em 2022 (380%) sugere o fim das medidas de isolamento social, indicando um possível retorno às tendências pré-pandêmicas. Os dados revelam uma redução significativa na incidência de meningite viral na Bahia ao longo dos anos e, recentemente amplificadas, possivelmente, devido às medidas de prevenção adotadas durante a pandemia de Covid-19

Palavras-chave: meningite viral incidência tendências temporais Bahia epidemiologia

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103459>

INCIDÊNCIA DOS VÍRUS RESPIRATÓRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Luisa Frota Chebabo*, Alberto Chebabo, Ligia Camera Pierrotti, Queoma Silveira Mariante, Silviane Praciano Bandeira, José Eduardo Levi

DASA, Brasil

Introdução/objetivo: Infecções respiratórias causam grande impacto em custos e morbimortalidade, sendo infecções virais as maiores responsáveis. Durante a pandemia de SARS-CoV-2, ocorreu aumento na disponibilização de exames de biologia molecular, facilitando o acesso ao diagnóstico etiológico. O objetivo do estudo é apresentar a epidemiologia dos últimos dois anos, durante a pandemia de Covid-19, dos vírus Influenza A (FluA), Influenza B (FluB) e Vírus Sincicial Respiratório (VSR).

Métodos: Estudo retrospectivo da base de dados de exames realizados na rede da DASA no período de 01/01/2021 a 31/05/2023, com estratificação por faixa etária, gênero, estado e estação do ano. Incluídos resultados de reação em cadeia da polimerase para FluA, FluB e VSR realizados nos seguintes painéis: Quadriplex, Respiratório FilmArray® 2.1 e Pneumonia FilmArray® em pacientes internados e ambulatoriais, em amostras de trato respiratório superior e/ou inferior.

Resultados: Realizados 215.100 exames em 66.266 pacientes, sendo 15.367 (7,1%) exames com detecção de algum vírus, com 93,6% realizados em São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Paraná. Durante o período, o VSR foi detectado em 50,4% dos exames positivos, seguido de FluA com 44,5%. O VSR foi predominante durante todo o período estudado, com exceção de dezembro/2021 e janeiro/2022 e setembro e outubro/2022, onde o FluA foi predominante, sem considerar o SARS-CoV-2. O VSR foi detectado em 88% das amostras positivas na faixa etária de 0 a 5 anos, 19% entre 6 e 10 anos, 10% entre 11 e 18 anos, 13% entre 19 a 59 anos e 25% nos pacientes com 60 anos ou mais. O VSR foi predominante durante o inverno, outono e primavera, só sendo ultrapassado pelo FluA no verão. No ano de 2023, até maio, o VSR foi o vírus mais detectado.

Conclusão: Diante do grande número de exames incluídos nesse estudo, temos visão ampla do cenário epidemiológico brasileiro em relação aos vírus respiratórios estudados. Observa-se que, apesar do grande pico de infecções por FluA entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, o número acumulado de exames positivos para VSR no período do estudo foi o mais elevado, mostrando uma persistência desse vírus em todos os períodos do ano, principalmente nos extremos de faixa etária, até 5 anos e após 60 anos. Ressaltamos a importância desses dados para a programação de ações de saúde pública, como definição de período ideal para início de vacinação contra influenza e para as vacinas recentemente desenvolvidas contra VSR.